



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XIX — N.º 473 — Preço 1\$00
28 DE ABRIL DE 1962

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

TOTOBOLA

O correio do Totobola cresce de quinzena para quinzena. Se se espera por um plebiscito para começar, entre os milhares de leitores de «O Gaiato», ele está-se fazendo e todos dizem sim.

Há diversas opiniões quanto ao modo de fazer — o que aliás só é sinal de vida, como já notámos. Mas todos são unânimes quanto à substância da ideia. A mesma unanimidade se mantém a respeito da demora. Ora oiçam:

«Infelizmente ainda não vi no «Gaiato» notícia de ter ido por diante a ideia do tostão para o Totobola.

É pena, porque a ideia é maravilhosa, e sem sacrifício para quem joga, podia-se juntar avultada quantia para aliviar males de muitos sacrificados.

Eu já não tenho idade para jogar, mas tenho um neto que o faz, e assim, envio por ele, essa pequena nota de 20\$00 que corresponde a uns tantos bole-tins, durante um tempo».

O nosso correspondente da Chamusca insiste na sua ideia já apresentada a quinzena derradeira. Que interesse pela causa não representa este doce teimar!

Eu só quero aqui lembrar-lhe que, justamente pelas razões que ele aponta, a sugestão inicial de 1 tostão por impresso, se substituiu pelo tos-

tão por matriz entregue, o que «facilitaria o controle», conduziria a receber-se directamente da Santa Casa a parte do Património, e eliminava o menos simpático de passar a ter prego o impresso ora gratuito. Tudo muito simples, prático e seguro!

Exactamente esta sugestão nos chega, apresentada por um leitor de Castelo Branco, que, às alíneas 1.ª e 2.ª em que tal propõe, junta mais estas:

«3.º — Que os apostadores de apostas múltiplas paguem o mínimo de 1\$00 por impresso, visto que estes teriam de pagar 9\$60 por impresso de 96 apostas, e isto levaria os apostadores a desistirem de apostar o que daria prejuízo à administração.

4.º — Que o produto fosse gasto em construções nas próprias paróquias onde se façam estas apostas do Totobola. Isto despertaria todo o interesse e por isso haveria mais produto e mais casas para tantos que a não têm».

Esta 4.ª alínea é que não me parece de muito fácil execução. Aliás, a «tornar-se realidade a iniciativa», como é desejo do nosso leitor, iria havendo sempre com que ajudar todos os que estivessem dispostos a ajudar-se a si mesmos.

Mas, as ideias fervilham no

continua na página DOIS



Auto- Construção

Nem todos os trabalhadores quererão esta modalidade, para construírem as suas habitações. Não obstante tratar-se duma ideia muito conforme com a natureza humana, alguns trabalhadores, talvez melhor, muitos trabalhadores, não aguentarão. É bom demais, dirão uns tantos. Não estou para maçadas será a razão verdadeira. Como não quererão ser todos, há que fazer a escolha. Um aspecto importante: ser feliz na escolha dos elementos de cada equipá. Não ter pressa na constituição definitiva de cada grupo de trabalhadores. Há muito tempo, desde que se aproveite. Não poderá vir ninguém para a equipa sem ser bem conversado, em particular, antes.

Os Auto-Construtores requerem um mínimo de formação, e essa formação há-de também fazer-se de alma para alma. Estes escritos — queríamos dizê-lo com verdade e, portanto, com humildade — poderão contribuir também um pouco para essa formação in-

dividual. Para tanto terão de se ler com regularidade. Escolher bem o 1.º membro da equipa: um rapaz simpático, conciliador, persistente. Não encontraremos todas estas qualidades já em acto, como se diz nos livros. Será um rapaz que virá a ter estas virtudes à medida que vá trabalhando em Auto-Construção. Para o recrutamento do primeiro podem ser precisas, seis, dez, doze conversas. Para falarmos de Auto-Construção temos de ter ideias gerais e dados bem concretos. Para tanto — mais uma vez nos atrevemos a dizer — ajudarão um pouco estes escritos. Na base do recrutamento dos Auto-Construtores ideias gerais e dados bem concretos, bem positivos sobre Auto-Construção. Falar a todos individualmente. Para falarmos temos primeiro que acreditar. A fé estará no alicerce. Os primeiros terão que saber alguma coisa do que dizem para poderem actuar. Surgirão algumas per-

continua na página DOIS

SETUBAL

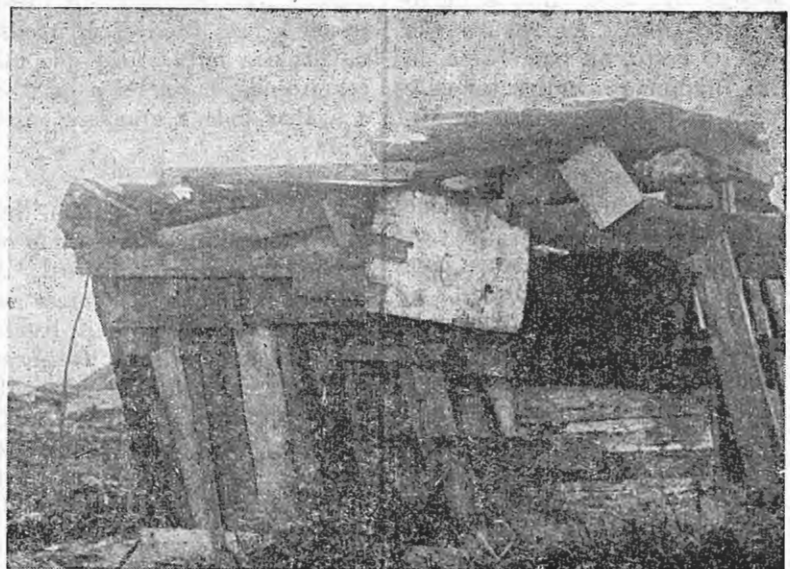
DEUS levou-nos o Carlos Alberto pequenino. Como tudo aconteceu, parecidos que o Senhor o veio buscar, determinado por uma resolução repentinamente tomada. Não sabemos, se por amor dele, se por amor nosso. Sabemos somente que foi por amor. Tinha seis anos. A beleza desabrochada na sua alminha e o encanto do seu conjunto pessoal fizera-o querido entre todos os meus filhos. Para mim era como os outros «filho». Na certeza de que o Senhor o quisera para Si inteiramente, damos graças por se ter cumprido a Sua Vontade Santa e na dor de o vermos tão maltratado pelo acidente que lhe deu morte e de o sabermos fora do nosso carinho, choramos uma ferida estranha, por nós nunca experimentada. Choramos sem saber porquê. Apetece-nos chorar. Tenho mais de cem. Todos têm o seu lugar. Jamais um deu lugar a outro. O do Carlinhos fica vago até me encontrar com ele no Céu.

Era filho da abandonada. Alguém que fora arrastada para a desgraça na irresponsabilidade de quantos, por paixão cobarde, se atrevem a tudo para satisfazer os seus instintos bestiais. A carga de quatro filhos está fora da lei como está a paternidade natural de quem os gerou.

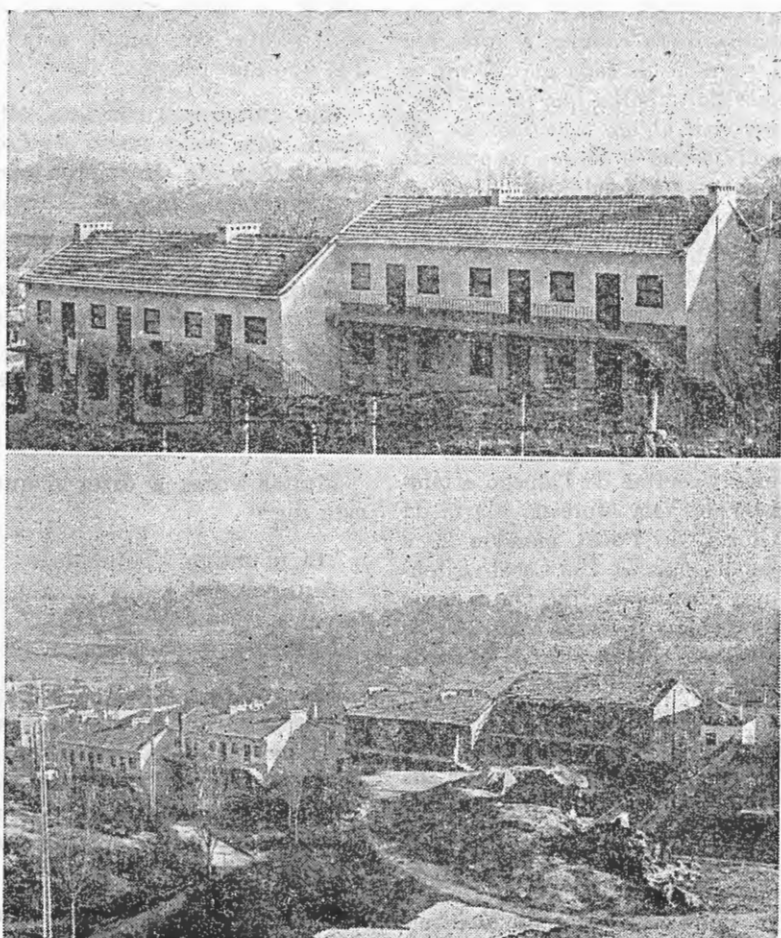
Eu vi-a cambalear na dor, desamparada de todos, sem a afeição de ninguém, sem saúde e sem meios. Sem o filho que tivera amparado e com os outros três a morrer à míngua, e apeteceu-me subir por essas ruas gritar a toda a gente o sofrer daquela mulher.

Tenta a regeneração com Cristo na Sua frente. Parece-me ter-lhe já lavado os pés com lágrimas e enxugado com os cabelos. O perfume do seu sofrer deve ter chegado ao trono de Deus. O mundo, no seu apreciar, olhá-la-á com desprezo ou desconfiança. É assim o mundo: — pisa a pés a beleza que ele mesmo avilta. Eu curvo-me perante a grandeza desta mãe. Tenho a certeza que o nosso filho no Céu há-de alcançar de Jesus a sua perfeita regeneração neste mundo, e o nosso encontro um dia!...

Padre Acílio



Monsanto — Lisboa: património de Pobres



Areosa — Porto: Património dos Pobres

★ BELEM ★

Mais uma vez têm a palavra aqueles nossos amigos que vão ouvindo o apelo a favor da Casa Nova. Eu limpar-me-ei a acompanhá-los, dando os esclarecimentos que forem sendo pedidos.

Comecemos por esta resposta de Helena, de Lisboa, ao que foi sugerido no último «Belém», sobre a assistência às raparigas no seio da própria família:

«Eis-me aqui a dizer presente para o pagamento dos 500\$00 correspondentes à renda mensal da vossa actual casa. Já que gostaria que essa renda fosse paga pelos habitantes de Viseu, se já algum deles se ofereceu, contribuirei eu de outro modo. Caso contrário, pode contar comigo, enquanto a vida e a saúde me não faltarem».

Pois bem-vinda seja, minha Amiga! Eu não disse propriamente que gostaria, mas apelei em primeiro lugar para os videntes, visto tratar-se de uma forma de assistência que irá beneficiar directamente os pobres da terra. Mas a sua oferta de modo nenhum fecha a porta à colaboração que os videntes queiram dar. Pelo contrário, abra-a! Para sua consolação, aqui a informo de que, ao mesmo tempo que fez a sua oferta, também uma rapariga do Porto, agora a viver em Viseu, se prontificou a colaborar neste género de apostolado. E a primeira família necessitada também apareceu logo e mesmo sem que a procurássemos. Temos, pois, Porto e Lisboa, as duas cidades donde Belém mais tem recebido, empenhadas no caso. Bom sinal para começar!

Conforme me pede, informo-a de que pode enviar a renda até ao dia 10 de cada mês, em vale do correio dirigido a Inês Amaral — Belém — Viseu. Acrescento uma palavra do meu sobrenome, porque tenho recebido muitas cartas e postais de pessoas que dizem ser contra o regulamento dos C. T. T. preencher vales com um só nome próprio. Pela minha par-

te, mais uma vez informo que não tenho qualquer dificuldade em receber encomendas, cartas, vales ou cheques cuja direcção se limite às três palavras que rematam estes artigos. Ninguém tenha receio, que em Viseu, tanto a pessoa como a Obra são suficientemente conhecidas.

Outra carta de Senhora de Lisboa, que suspeito seja professora de algum liceu ou colégio:

«Desde as primeiras horas que muitas de nós, mães, irmãs e sem falar nos pais, etc., temos acompanhado a Obra para que Deus a predestinou e temos sentido o desejo de a ajudar de qualquer forma. Nem sempre se proporcionou essa ocasião. Neste momento algumas dessas pessoas estão em campo para ajudarem com o maior número de migalhas possível a compra que se impõe da casa e quinta em perspectiva. Uma campanha nos colégios e liceus femininos está a brotar, com a venda duns pequeninos bonecos, feitos por Senhoras, raparigas e crianças.....».

São cartas como estas que nos enchem de esperança no futuro de Belém, enquanto no presente vamos arrostando com dificuldades sem conta. Que Deus a todos pague cem por um!

O anónimo de Lisboa veio com 40 mais 40, quotas de Fevereiro e Março. Duas de 20 de Macieira de Cambra. Beatriz com 100 mais 100, pedindo orações pelos seus. Maria Júlia, do Porto, com 20 mais 30 e linhas de bordar. Mais 20 de Lisboa, 100 de Gavião e 150 de Olho Marinho. Quotas de Março e Abril do Casal de Braga. Vales de 50 e de 60 de Gina Maria. De Setúbal 100, de duas promessas feitas por duas irmãs. Por intermédio da Pensão André de Viseu, 100. Nota de 100 de Vila Pery, Moçambique.

«Junto envio 6 dias de trabalho (150\$) para ajudar a tão árdua tarefa dessa compra e apresento a sugestão de cada um ofertar os dias de trabalho que puder, mesmo com algum sacrificio. Se assim fizerem creio que no presente ano saldará o débito».

Comentar seria estragar! Meditar, sim!...

Vinhamos da Missa, um carro ultrapassou-nos, parou, estendeu-se um braço e entregou duas notas de 100. Vale de 500 de M. J. do Porto. De S. João da Madeira 100 «para um torrão da quinta das belenitas». Outro tanto de uma vicentina de Lamego e também de Vila Moreira. Maria da Glória, do Porto, mandou 20 e depois mais 40. Um Casal visitou-nos e entregou 100. Outro tanto «para dois tijolos». Mais 100 de Viseu, em sufrágio da alma de seus queridos Pais.

O assinante n.º 19647 envia 500 e «deseja-lhe muita graça de Deus, saúde e persistência na sua Obra». Quatro Marias e um José enviaram 100 da Beira (A. O. P.) e outro tanto por intermédio de Paço de Sousa.

Agora esta carta do assinante n.º 17022 de Bragança:

«Rejubilando com a boa ideia

do Senhor que sabe fazer contas (16.000 ass. x 50\$ = 800.000\$) e aprovando em absoluto, aqui vai a minha quota para a compra da propriedade».

Seguem as quotas dos mais que também estão de acordo: De Coimbra, «uma leitora do Gaiato»; «Avó de Moscavide»; «Uma Amiga dos velhos tempos», de Castro Daire; De Coimbra, Casal A. J.; Ascensão, de Lisboa; Dois assinantes de Viseu; Maria Amélia da Avenida de Roma; «Uma portuense qualquer»; «Um pecador pelos pecadores»; Palmira do Porto.

Como nos outros anos, houve em Viseu, no 9 de Abril, o almoço de confraternização dos antigos combatentes. Pois A. Proença veio aqui entregar 310\$, produto duma colecta feita entre todos. Bem hajam! Se muitos se lembrarem de Belém, quando de reuniões como esta...

O Snr. Padre José Maria enviou cheque de 1.410\$, total dos

donativos depositados no Montepio de Lisboa.

De Paço de Sousa vieram vales de 1.200\$ e 4.400\$ totais dos donativos ali recebidos.

Maria Rodrigues enviou de Newark 20 dólares. O assinante n.º 9.803 ofereceu um cobertor.

Recebemos peças de vestuário, retalhos e linhas de bordar de Alijó, duma turma da Escola Técnica Elementar de Lisboa, de Maria Gabriela, etc.. Vieram laranjas de Ladeira de Castelões.

Um Sacerdote do Seminário Diocesano de Fátima enviou um projector de filmes fixos «Agora — acrescentou — que comecem a aparecer os filmes»...

Da Amadora 150\$ e uma máquina de tricotar que lá ficou à espera de um portador. De Arouca 101\$, roupas e linhas.

Atenção, Senhoras e Senhores! Acaba de chegar um vale de 950\$, da Escola «Avé-Maria», de Lisboa, primeiro fruto da tal Campanha que está a brotar pelos liceus e colégios da Capital. Que Deus as ajude!

Feitas as contas, verificamos que desta vez podemos pôr de parte, para a Casa Nova, 8.500\$.

Precisamos, pois, agora só de:

768.500\$00

8.500\$00

760.000\$00

Inês — Belém — Viseu

Campanha de

A VOZ DOS LEITORES — Esta Campanha, já temos dito e repetimo-lo, poderia, naturalmente, cansar. Mas não! A gente quanto mais finca o pé mais ela surge fumegante!! Pròquê, façam favor de ler este período duma carta de Lavradio:

«Esta manhã fiquei satisfeitíssimo com os resultados da minha propaganda e até fiquei admirado com a minha «lata» (aliás só disse verdades a vossa respeito). Falei em toda a vossa Obra (pelo que tenho lido durante mais dum ano). Expliquei o que era Belém e da actual campanha; falei do Calvário; falei do Património dos Pobres, na Auto-Construção, no Barredo; mostrei jornais antigos... Conclusão: foi um êxito (a vossa Obra e não as minhas falas) e consegui cinco assinaturas. Isto anima-me a continuar. Padres e rapazes contai com mais um amigo».

Assinante 22.398

P. S. — Todos estes meus colegas serão bons leitores. O único que não consegui foi que pagassem adiantadamente, mas estou certo que estes serão melhores que eu».

Ó carta «explosiva»!
E mais outra:

«Venho, por este meio, propor uma amiga minha para assinante de «O Gaiato» a qual depois de tanto me ouvir falar dessa grandiosa Obra se entusiasmou e me disse que também queria ser assinante, o que bastante me alegrou e me deu coragem para continuar a falar cada vez mais com outras senhoras minhas amigas a ponto de elas também se entusiasmarem e pedirem para ser assinantes!»

Finalmente, dois testemunhos de beleza pedagógica. Um é de Paredes — aqui de ao pé da porta! O outro, da capital. Ei-los:

«Tendo nascido há dias um meu netinho, venho pedir o favor de o inscrever no número dos assinantes de «O Gaiato» por ser o melhor meio de começar a formação moral e religiosa de uma criança. Se sobrar algum dinheiro, que seja essa a primeira oferta do meu netinho para os Pobres. Esmola de pobres para pobres».

x x x

«Pedia o especial favor para considerarem assinante do vosso jornal o meu filho de 16 meses de idade a quem, logo que me compreenda, ensinarei a amar e a avaliar toda a grandeza dessa Obra».

x x x

PORTO/LISBOA — Sim senhor. Não adormeceram, tanto os lisboetas como os tripeiros! A capital, sobretudo, comparece em cheio. São listas e mais listas! Uma delas, até, com 9 presenças e esta legenda tão amigável: «Alguns custam a convencer, mas água mole em pedra dura... Espero que qualquer deles não seja peso morto na balança de «O Gaiato»».

E nós assim esperamos, também. Mas isso já não é connosco,

TOTOBOLA

Continuação da primeira pág.

espírito dos nossos leitores. E são ideias-força, ideias-vida!

«Não sou adepto de football, tão pouco jogando no «Totobola», mas aplaudo a iniciativa dos 10 centavos por impresso a favor do Património dos Pobres.

E porque a hora deve ser mais de acção do que de palavras, aqui vão 50 escudos e sob registo, fazendo sinceros votos para que a campanha de tão pouco — 10 centavos —, se multiplique por muito, a bem dos que não possuem lar».

São numerosos os que alinham com este nosso Amigo das Caldas da Rainha e vão mandando migalhas «para marcar a minha presença no Totobola».

Ótimo! Grande prova de boa vontade é este enviar! Mas o que se pretende é uma contribuição pequenina e maciça, que não pese a ninguém e possa aliviar a muitos.

Muitas vozes a dizer o que esta diz:

«Li o artigo «Totobola». Aqui vão os nossos votos pela cobrança de \$10. Faremos propaganda...».

Mais delas a repetir que «eu não jogo porque não tenho poses nem sorte. Mas se sempre conseguirem que reverte a favor do Património dos Pobres, também de vez em quando jogarei».

Outras delas a alimentar a nossa perseverança:

«Acho a ideia do Totobola

esplêndida e continuem a falar nisso até ser resolvido por quem de direito. Será como água mole em pedra dura: tanto dá até que jura».

E eu deixo para a próxima ainda muitas cartas expressivas da vivência que anda por aí a respeito da sociedade do Totobola com o Património dos Pobres. E dou só mais esta:

«Já me conhece, até pelo timbre da carta. Sou dos mais antigos admiradores da vossa Obra e sempre presente nas iniciativas do seu engrandecimento».

Não me perdoe pois não ter ocorrido há mais tempo a aprovação da ideia do Totobola e dar-lhe o empurrão que pode resultar do meu insignificante apoio.

Porque detesto todo o jogo de azar nunca fui Totobolista. Mas solenemente lhe prometo que passarei a encher dois boléus; um para mim e outro para a Obra. De seguro vão \$20. O resto, ou parte dele, lá irá também indirectamente para os Pobres através da Misericórdia de Lisboa.

O que tenho reparado é que a coisa demora. Permita-me uma sugestão. Pegue nas cartas que tem recebido e vá com elas ao Provedor da Santa Casa e diga-lhe de quantas casas poderia construir com esses tostões durante um ano. Diga-lhe quantos infelizes poderiam ficar albergados nessas casas.

Tenho a certeza que a coisa ficará resolvida se estiver nas suas mãos a resolução. E se não estiver vá chorar a outra porta. Com essa gazua não haverá porta que se não abra».

AUTO CONSTRUÇÃO

Continuação da primeira pág. *guntas, algumas dúvidas, algumas dificuldades. Teremos de responder a essas dificuldades sem dogmatismo mas com inteligência e lógica. Os encontros nesta primeira fase têm de se multiplicar. Haverá sempre notícias, umas verdadeiras, outras falsas contra Auto-Construção. Nunca se podem negar as dificuldades e os insucessos. Nunca. Também, por outro lado nunca faltarão motivos de confiança.*

Toda a correspondência para Auto-Construção — Aguiar da Beira.

Padre Fonseca



assinaturas

evidentemente. É obra de Deus. A propósito: muito nos agrada ouvir e sentir todo o fervor dos lisboetas pela *Campanha*. Mas... apesar de haver tantos leitores do *Famoso* em Lisboa, como no Porto, a nossa Casa do Tojal — a Casa do Gaiato de Lisboa — permanece pouco lembrada no coração dos senhores da capital!

x x x

DO MINHO AO ALGARVE — Quem dera mais um nadinha de espaço!, já que a Província, como se diz, ferve em cachão. Tanto, que nem sei por onde começar!

Mas ele há para aqui dois testemunhos cheios de doutrina prós grandes senhores. Um, é de Gaia: «Pedia o favor se me aceitava como assinante do jornal «O Gaiato», pois gosto muito de o ler e parece que me fez bem lê-lo.

Um criado de servir».

O outro, da Figueira da Foz, que está sendo, também, um viveiro de assinantes:

«Sou uma humilde criada de servir que muito gosto da Obra do Padre Américo. Compro, sempre que posso, «O Gaiato» e agora desejo ser assinante. Espero ansiosa que me enviem pois a sua leitura consola a alma».

Mais, Algezur, Estarreja, Castelo Branco, Fundão, Braga, Fontelonga, Penafiel, Montargil, Sobreiro (Mafra), Monte Redondo de Leiria, Molelinhos (Tondela), Visou, Rio Tinto, Mouriscas, Padronelo (Amarante), Turquel, Coira, em grande forma, e Benfeita:

«Peço que mande «O Gaiato» para o sacristão desta freguesia, pois que se arranjam muitos assinantes».

Já foi. E já deve andar por lá o «incêndio»!

E a procissão continua. Segue Monforte, Queluz, Estoril e Alhandra, Gafanha da Nazaré, Aveiro, Vila Real, Vila Chã (Mindelo), Amadora, Leiria, Mafra, Mourisco (Vizela), Pombal, Jovim (Gondomar), e uma pesada lista de Seixo de Cima (Válega).

Mais Ourém, Alcobaça, Maceira-Liz, Pedrogão (Penamacor), Barroselas, Valongo, Moscavide (outro viveiro!), S. Mamede de Infesta, Geraldês, Romeu (Mirandela), Cardigos e Ermezinde:

«Agradecia que inscrevesse como assinante, o meu filho seminarista e lhe fosse enviado já o número de aniversário, se ainda houver. Não sei se terá tempo para o ler, creio que sim; todavia é uma presença e um amigo leal que irá ter com ele e o ajudará a ser um bom sacerdote missionário ou da Rua. Quem o sabe? Sabe-o Deus!»

Há tanto mais para dizer!! Mas... temos de parar aqui.

Júlio Mendes

FILHOS DE PAI INCOGNITO

«De todas as obras e campanhas morais e materiais que o jornal «O Gaiato» tem feito, uma das que mais me tem sensibilizado é a dos filhos sem pai, coisa infelizmente tão corrente em Portugal, e que decerto já teria acabado, se houvesse alguém que levantasse essa questão, resolvendo-a, como noutros países civilizados.

Apresentada esta ideia, permitame que o informe, como o problema é atacado e resolvido em França. Uma mulher solteira tem um filho natural, que é desprezado pelo Pai... Se ela fizer queixa às autoridades, a lei prevê que se faça a análise de sangue do pai e da mãe, de cujos sangues só poderá dar um determinado grupo sanguíneo. Se a criança tem esse grupo de sangue, o pai é obrigado a olhar pelo filho. Desta maneira, nem miséria, nem pai incógnito.

Porque sou curioso, perguntei

a um Amigo Advogado se a lei portuguesa, previa as análises de sangue, para este caso. Infelizmente não, foi a resposta!!!

E seguindo este critério, perguntei a um Médico e Amigo que é analista, a sua opinião sobre o caso. Resposta: — Se se fizer a análise de sangue de pai e mãe e se o filho, não for daquele, com toda a certeza que a análise confirmará isso.

Todos os dias a ciência se amplia e desenvolve... Será que, no nosso País, não haverá quem quebre uma lança, por uma causa tão justa?

Perdoe a maneira como esta carta vai escrita, talvez atabalhoada, mas uma coisa é certa, é que é escrita pelo coração. V. compreenderá melhor, se lhe disser, que também sou filho de pai incógnito».

Nós não sabemos até que pon-

to a ciência chega no que diz respeito a sangues. O que podemos afirmar, e isto com segurança, é a dor que faz não ver tentar tudo pela Justiça, a quem tem sede dela.

A cada passo encontramos uma mãe solteira e um filho sem pai. Ontem foi no combóio. Uma mulher contava de como criou o filho, agora com 10 ou 11 anos. Fala da dor e da vergonha tida quando teve que sair da casa dos pais e foi esconder-se para Lisboa; da traição e das promessas; das lágrimas que chorou por amor do filho. Os rodeios feitos pelo enganador, para que ela fosse mais desgraçada. «Tenho trabalhado muito para criar este meu filho». Não é desgraçada, por graça de Deus!

Casos como estes são aos milhares, e sabem-se, mas não há ninguém que se faça porta-voz contra estes crimes tidos como

banalidade. E é grande a sua importância, quer relativamente à moral, quer à grandeza da nossa Pátria. Das tristes consequências, falam o número de rapazes sem pai que temos em nossas casas, pequena amostra da multidão deles a quem não podemos acudir. E nós sabemos disto, e ficamos de braços cruzados, quando não somos dos que produzem mais lama. Ai os nossos pecados!...

Ernesto Pinto

Resgate em GOA

Deves imaginar a alegria tamanha que a tua primeira e última carta me veio dar. Ela já por si, era cheia de fortificante para este teu irmão no Corpo Místico e na nossa querida Obra. Este fortificante por ser recebido ao terceiro dia depois de eu estar preso em Damão, foi devorado enquanto o diabo esfregava um olho. A alegria, pelo mesmo motivo, foi dobrada. Muito obrigado.

Então como te tens dado aí pela rainha do Sado? O Lar está uma categoria: não é assim?! A ida para aí deve ter-te custado um pouco! Tem paciência! Bem sabes que a Obra necessita de rapazes que se dêem. E esses só se devem alegrar com os sacrifícios em prol da mesma.

O Sr. Padre Acílio realmente necessitava imenso de alguém que o ajudasse, não te parece?

Também não te tenho esquecido. É dever dos cristãos não se esquecerem dos irmãos. Espiritualmente também andei um pouco murcho. Presentemente encontro-me bastante melhor. O Pero Botelho de vez em quando faz-nos destas partidas. Continua pois a lembrar-te deste peccador.

Um xi muito apertado para o Sr. Padre Acílio deste que lhe quer do coração, que lhe beija jovialmente as mãos.

Para todos os manos na Obra desde o mais pequenino ao mais espigado, abraços e muitas saudades.

Fernando Dias

«Também te não tenho esquecido. É dever dos cristãos não se esquecerem dos irmãos».

Este bocadinho diz bem do que devia ser e não é. O nosso Fernando Dias era dos Pobres, por amor a si mesmo, à sua alma. Ele sente aquela braza que o leva a não se esquecer dos irmãos. Por isso é que o Barredo ainda o não esqueceu. «Semeia Amor para colheres Amor». Eis Pai Américo no coração daquele filho, que lá longe, no meio das privações, sem conforto, preso, não se esquece dos irmãos. É isto que tu tens que fazer, que todos nós temos que fazer; não esquecermos os irmãos. E quem é esse irmão? Todo o homem que veio a este mundo para glorificar a Deus e regressar, eternamente, ao seio d'Ele.

Que nunca por nunca o Santíssimo Nome de Deus seja arrumado do lado. Eu não sei nada de descobrimentos, mas sei que os Missionários usam a Cruz como espada, e o Santíssimo Nome de Deus como escudo.

ERNESTO PINTO



Baião ficou para trás. Estamos nas faldas do Marão, e vamos torneando encostas. Chuva miudinha ofusca a visibilidade e enlameia a estrada, marginada de terrenos pobres, dispostos em pequeninos tabuleiros de verdura fresca. Ao longe, serras esvaídas confundem-se com as névens. Povoado antigo, miserável ao primeiro relance, surge nesta volta da estrada. Perde-se na vertente íngreme, onde avultam penhascos a esconder as habitações. Penetramos nele. Nas ruas sinuosas pisamos o mato, mais o esterco, destinados aos campos. As moradias de pedra à vista, enegrecida pelo musgo, não conhecem cal e aparentam escombros. As portas estão desconjuntadas, no geral. As janelas não sabem o que sejam vidros. Varandas de madeira carcumida apoiam-se em singelas mãos de força, espetadas na parede. Nos postigos espreitam rostos macilentos. Feições meigas, mas pálidas, de criança, seguem-nos o passo. Vítimas esquecidas do progres-

so novo! O mundo vai tão ligeiro na marcha gloriosa do século presente que não dispõe já de tempo para observar o que nele é pequeno e a seus olhos insignificante. Só as coisas grandes dão nas vistas. Só elas contam! O Homem não! E não é porventura a dimensão verdadeira do Homem a maior das dimensões criadas? Para uma época de facturas e de realizações estrondosas o Homem é posto em plano muito secundário. Só aquelas valem e merecem atenção. E aqui, neste povoado, tudo é pequeno! Pequeno e pobre!

Entro numa casita. Escura por fora e mais ainda no interior. A telha vã está defumada. As paredes também. A lareira com o trasfugueiro arrumam-se a um canto. O soalho esburacado range. Olhe, não enfie por aí abaixo! O aviso vem dumma enxerga estendi-

da à beira da janela de portadas de castanho velho. Mau cheiro, característico e anúncio certo de cancro, anda no ar, provocando náuseas. Não é preciso perguntar à octogenária que mal a consume. O odor é demasiado fétido. E o mal está bem estampado no rosto.

Estão connosco três raparigas de Baião. Vêm aqui duas vezes na semana para ajudar. Têm sido a única presença costumada. Fazem limpeza e aprontam comida. De modo que são apenas dois dias na semana em que Ti Amélia dispõe de comida.....

Nós criamos tais abismos no mundo que lá no fundo deles ninguém supõe já poder ser ouvido! A enferma admira-se de ser objecto de atenções. Tão só tem vivido! Porque ninguém lhe foi chegando o caldo, a pane-

la ainda está meia do da última vez. Ela não tem família por ali. Os vizinhos vão cada qual à sua vida. E eis um ser humano em quase total abandono.

Carregamos a Ti Amélia e trazemo-la para o Calvário com toda a riqueza que ela possui — a roca, o fuso, a candeia de azeite e a alma imortal que o corpo já mal sustém.

Na viagem, muito em silêncio de respeito, vou pensando em Cristo que vem a meu lado, tão desfigurado, tão irreconhecível! Olho-O muitas vezes e em nenhuma O acho semelhante Ao que sempre me apresentaram. Tenho dúvidas se é Ele. Mas é Ele! Desfigurado e repellido pelos irmãos. Vergastado pela indiferença. Açoitado pelo esquecimento. Vem carregado de dores que os homens Lhe fizeram. É Ele, não duvido. Diferente do que supus, quando os livros me falavam d'Ele. Agora, a Sua Imagem não me sai da retina, nem a Sua Pessoa do pensamento.

VISADO PELA

CENSURA

Padre Baptista

LAR DE LISBOA

Da Standard Eléctrica, mais 140\$10 por intermédio duma Senhora nova (é bom que os novos pensem em nós) e

mesmo aquilo que com tanto sacrifício se constrói para aqueles que são abandonados na Capital, filhos da miséria moral do nosso tempo, nem mesmo isto, dizia eu, é bastante para que



PELAS CASAS DO GAIATO

muito amiga que várias vezes nos traz donativos seus e de sua irmã, além da muita simpatia, Deus lhe pague. Da nossa senhoria 120\$00.

Duma Senhora 100\$00, dum Senhor da Horta, 68\$50. Uma Senhora entregou aqui no Lar, ao Chico Zé, que é o nosso cozinheiro, uma nota das maiores e duas de 100\$00 e pouco depois, outra Senhora entregou duas de 50\$00! Demos graças!

Agora queria fazer um pedido aos nossos amigos Lisboaetas.

Nós estamos a pagar uma renda enorme pelo nosso Lar e ainda por cima, deficientemente instalados, em certos aspectos. Por isso se houver alguém que nos possa ajudar a resolver este assunto tão importante, que DEUS o inspire e venha em nosso auxílio.

António José

TOJAL

BELEZA — Só quem não conhece a nossa Casa é que não é capaz de imaginar como ela é linda neste começo brilhante da Primavera. Tudo é verdura. Tudo é beleza. Eu há dias fui ver. Fiquei maravilhado. Os campos cobertos de trigo dão uma beleza extraordinária à nossa quinta. As obras que ela está a beneficiar também lhe dão encanto. E os nossos Amigos alfacinhas de nada se interessam. Nem

venham, passeando, percorrer os poucos quilómetros que separam a Capital da nossa Casa do Gaiato. Se a Esperança não fosse uma coisa nossa, já há muito tínhamos deixado de esperar.

DESPORTO — Ao nosso pedido de bolas e camisolas para as nossas equipas de futebol, respondeu a Sociedade Industrial de Lavandaria de Olival Basto a quem desde já agradecemos. Continuando a alardear superioridade acentuada sobre os adversários que nos visitam, o nosso grupo de futebol tem vencido a maioria dos jogos que disputou desde o princípio do ano.

AMIGOS — Há muito que por intermédio da nossa crónica deveríamos ter agradecido à Família de Mateus Pardal que todas as semanas nos presenteariam com alguns quilos de boa carne. Que o Senhor aumente muito a quem tanto nos dá. Igualmente agradecemos à Sociedade Frigorífica do Tojal que também nos tem presenteado com muitos dos seus produtos. A todos o nosso agradecimento.

Cândido Pereira

LAR DE COIMBRA

Que alegria sentimos ao ver o Avenida completamente cheio, alegria essa, que transparecia no rosto de cada um!

Querida não calar esta voz, nem tanto para dizer de como decorreram as que já foram, como por môr das que ainda faltam. Vamos a ver se Lisboa nos dá depressa a decisão, que não contamos seja difícil quanto a Setúbal. E como ninguém melhor informado do que o nosso Cândido, eu roubo à sua crónica do Tojal, o parágrafo que trata da Festa e aqui o dou como última notícia.

«A nossa Casa esteve presente em Coimbra e no Porto e, como vem sendo hábito, exibiu-se a contento de todos os amigos da Obra que encheram por completo as salas do Teatro Avenida de Coimbra e Coliseu do Porto.

Apesar dos esforços do Sr. Padre José Maria e da boa vontade das Empresas onde temos batido, ainda não é possível darmos o dia certo da nossa Festa em Lisboa. Não digo no Império, porque ainda não sabemos se ela se realizará neste ou noutro cinema. Os nossos Amigos Lisboaetas não nos levem a mal, porque na verdade ainda não foi possível arranjar nada, concretamente, é claro».

Quem dera que até à completa feitura do jornal houvesse que acrescentar um P. S....

De Coimbra já Padre Horácio disse o seu contentamento. E com razão! A cidade reagiu, apareceu e marcou sua presença calorosa.

O Porto... é sempre o Porto. Dias antes, lotação esgotada. Nas bilheteiras e no Espelha da Moda, a procissão de lágrimas dos retardatários e a prudência aprendida da lição de agora: bilhetinhos marcados já para o próximo ano. Houve quem reservasse uma fila inteira!

A Braga devemos também muito carinho. Primeiro que tudo a simplicidade burocrática! Campanera falou na Festa. «Que sim senhor; tudo às ordens». Eu confirmei a data. E mais nada! Nem licenças, nem direitos de autor, nem papel selado, nem funcionários atrás de nós a saber o que vamos dizer e apresentar... Nadinha! Neste ponto foi uma consoladela!

Depois, o trabalho de propaganda que, no Porto, Júlio toma sobre si, em Braga executam-no amorosamente um grupo de Senhoras e Senhores, antigos e provados Amigos. E mais os bilhetes vendidos. E mais uma riquíssima merenda em fim de festa. E mais o Pessoal do Teatro Circo que, em cima de tantos trabalhos por nossa causa, ainda vem entregar os seus apuros daquela noite. Ó simpatia!

P. S. (ULTIMA HORA) — Ainda não podemos informar o dia certo das Festas em Lisboa e Setúbal — mas serão em fins de Maio, com certeza.

Os bons amigos de Coimbra desta vez compareceram, dando-nos a certeza de quererem a nossa presença todos os anos.

Que bem nos sentimos no meio daquela assembleia que nos olhava com uma expressão tão terna e carinhosa!

Na primeira parte da festa, foi levado à cena o drama «O Filho Pródigo» que apesar de algumas deficiências dos improvisados actores, ouviu calorosos aplausos no seu final.

A segunda parte, que constou de um acto de variedades, representado por todas as casas, foi precedida com a apresentação do «Calvário» com casos contados pelo Sr. Padre Baptista, que levou cada um a entrar dentro em si e pensar no nosso irmão pobre e abandonado, neste mundo eivado de egoísmos e esquecido da palavra divina.

Seguiu-se a apresentação da Casa de Setúbal, que por intermédio dos seus «batatinhas» nos deliciou com uma engraçada dança do nosso folclore ultramarino.

Tojal apresentou uma dança intitulada «A Passagem da Primavera» que agradou em cheio. Paço de Sousa por intermédio dos seus «batatinhas» mais uma vez conquistou os aplausos dos nossos Amigos.

Finalmente Miranda apresentou o Espanhol, que em nada fica a dever ao Joselito, cantando a Campanera acompanhado pelo Luís e João Aurélio à flauta e o Fernandito um portento de habilidade nas castanholas, cantou também a canção do Rio Douro. Perigoso e Barbosa apresentaram um número do nosso folclore.

João Hingá

LAR DO PORTO

As instalações do nosso Lar que eram pertença da Santa Casa da Misericórdia, foram finalmente compradas. O seu custo foi de 410 contos, números redondos. Mas agora surge-nos outro grande e delicado problema. Como é do conhecimento geral, a casa está muito velha, pelo que terá de ser completamente remodelada. O mestre de obras já nos garantiu que, embora muito nosso amigo e disposto a ajudar-nos em tudo o que puder, não fará as referidas obras por menos de 500 contos.

Escusado será dizer que nós não temos dinheiro. As obras tornam-se necessárias e urgentes. Ainda há bem pouco tempo, naqueles dias de chuva constante, nos vimos seriamente atrapalhados. Parte do tecto aluiu, em cada canto se via uma vasilha a aparar água que caía sem cessar e, noutros, a água ia mesmo directa ao soalho porque escasseavam as vasilhas livres. Chovia praticamente em toda a casa e, na escadaria que liga o rés do chão ao primeiro andar, era uma calamidade! Da claraboia central também caía muita água juntamente com bocados de cal apodrecida.

Os peditórios que temos feito nas Igrejas e que geralmente costumavam ser para o Calvário, foram destinados para as obras do Lar mas, tão pouca sorte que a sua receita total não ultrapassou a casa dos 70 contos.

Alberto de Almeida

BEIRE

Aqui, apenas temos as oficinas de carpinteiro, vassoureiro e sapateiro, devido a sermos poucos rapazes. Nesta casa encontram-se escolas próprias para a capacidade de certos rapazes. Esta casa faz as vezes de um caixote de lixo.

Ainda temos alguns visitantes amigos que nos vão trazendo umas roupas, uns sapatos, mas isto ainda não chega para as encomendas. Em nome de todos os meus colegas, quero agradecer a esses que nos enviaram roupas e calçado e também, ao Senhor Moura de Ermezinda. Se não fosse o Senhor Moura fornecer-nos brinquedos, não teríamos com que nos entreter.

TRIBUNA de Coimbra

Desta vez o Senhor veio buscar o Carlos Alberto, natural de Lisboa e membro da nossa comunidade de Setúbal. Partindo desta pobre vida terrena teve de passar pela morte para chegar à verdadeira Vida.

Profanamente falando, pareceu um roubo. Em termos despidos de espírito, seguiu o destino. Cristãmente pensando, cumpriu-se a Vontade de Deus.

Seis anos cheios de vivacidade e candura. Era um mundo de novidade. Olhávalo já com rissonhas esperanças. Vinha da festa de Braga; antes havia sido a do Porto; na ida para cima fôra a de Coimbra. O Carlitos vinha cheio de festa e de carinhos com que toda a gente os rodeou. Ele era o mais novinho da «dança dos pretinhos».

De regresso a Setúbal, passaram por Miranda. No fim do almoço, Carlitos consegue entrar sozinho na moagem. Sem se saber como enrodilha-se no veio que toca a correia das mós. Fernando espanhol sente um ruído e vai. Grita. Acodem todos e encontram Carlitos já sem sentidos. Foi um relâmpago enquanto o levámos aos Hospitais da Universidade de Coimbra. Ali não houve perda de tempo, nem falta de competência e carinho. Foram pensos, foi soro, foram transfusões de sangue, foram balões de oxigénio. Foi toda a ciência e amor dos homens. Tudo em vão. Carlitos partiu para o Céu. Mais um anjo a velar pela Obra da Rua.

A Mãe veio ao funeral. É uma mulher nova, solteira, mãe de mais três filhos e vive na capital. Há algum tempo, uma obra cristã de protecção a estas infelizes deu-lhe a mão. Ela quer tornar-se digna. A sua aflição pela perda do filho era ao mesmo tempo um hino de conformidade com a Vontade de Deus. Se Deus o quis levar por alguma coisa foi.

Com a aflição do desastre e com a saudade do Carlitos ficou-nos a esperança da regeneração da mãe. Que ele no Céu lembre ao Pai a nossa presença na terra.

Padre Horácio

Já não é pela primeira vez que nos faz surpresas destas, e nós muito lhe agradecemos. Quanto ao trabalho do campo, andamos preocupados com a sementeira da batata. Não só semeamos para nós, mas também para os doentes do Calvário. É com muito gosto que fazemos este trabalho. Todos temos obrigação de velar pelos doentes, abandonados pela sociedade que se diz cristã.

Temos bons elementos para o nosso futebol, só nos falta o equipamento. Se alguns dos leitores nos quiserem mandar uma amêndoa para a Páscoa, nós agradeceríamos-lhes muito. Amêndoa ou qualquer outra iguaria. Não costumamos ser muito gulosos, mas... é festa. Para nós tudo interessa.

Virgílio

PAÇO DE SOUSA

PASCOA — É a Páscoa. Duas semanas antes já eram os ensaios para a Semana Maior. O Sr. Pe. Arlindo tem sido incansável e a boa vontade dos nossos tem sido muita também. Todos falam na Páscoa e nos folares já há muito, a mesma alegria de todos os anos. A mesma Casa do Gaiato. O mesmo espírito.

Quinta Feira Santa foi a nossa desobriga. Muitos se abeiraram da Mesa Eucarística e participaram no Banquete, que antes tinha sido preparado pelo Sr. Arcebispo de Cízico — nosso de alma e coração. Também é um bondoso Pai, que todos escutam com devoção pela sua maneira simples e humilde com que se apresenta às turbas. Pela palavra forte e fluente. Pelo carinho que sempre põe quando nos visita. Aqui fica lavrado em letra de forma, o nosso muito obrigado.

Depois das cerimónias realizadas no Mosteiro com muito brilho foi a Ceia dos Pobres no nosso refeitório, enfeitado para o efeito. Os Apóstolos eram 12. Doze eram os Pobres que presidiam naquele momento. Lá eram as almas unidas. 180 eram os corações que batiam compactamente. Ali, naquela hora, todos reunidos, foram tes-

temunhas da abundância do maná. Ali mesmo, na simplicidade do local transparecia qualquer coisa a prender! Eramos todos. Era Pai Américo. Todas as partes de Portugal tinham representação na pessoa dos gaiatos provenientes de todas as Províncias, do Minho ao Algarve e estava até o Ultramar.

Naquele instante e àquela hora, quantas centenas de gaiatos espalhados pelas sete partidas do mundo não volviavam seus pensamentos para aquele pequenino cenáculo pois, apesar da distância, a nós fortemente andam unidos. A hora era grande. Grande o local. Enorme o amor que a todos liga. Muito grande todos os amigos das Casas do Gaiato. Era ali. As atenções convergiam para dentro, pois dentro das almas, do seu âmago, emanava o doce perfume da Açucena!

Sexta-feira foi a nossa Via-Sacra. Os passos do Gólgota foram lembrados e participados. Não ajudávamos a levar a Cruz, mas todos queríamos ser Cireneus. Fomos buscar alguma força para levar, apesar de ser necessário algum sangue, a nossa. Renunciar é cair. Depois da queda, o não reagir para seguir a caminhada que se nos depara, equivale a morrer. Morrer, quer dizer, separação completa, a não existência. Cristo morreu por nós. Para que nos abeiramos dEle, só o podemos conseguir se o nosso passamento for nEle!

MERENDAS. Agora, com o novo horário de verão, já começaram as merendas e com elas as zaragatas já tão conhecidas dos leitores. As voltas à cozinha e à padaria. Os desenrasques por parte daqueles que têm o pé mais ligeiro. Sepadre Manuel está sempre à cuca mas mesmo assim passam muitos com contrabando na sua alfândega, da Senhora, Jaime e Zé Carças.

Ainda ontem foi pão com doce. Os alfaiates raparam o doce e deixaram o pão no tabuleiro. Já se dizem coisas na Tipografia. Os do campo dizem que as azeitonas estão por curtir e que os bolinhos de bacalhau são só de... cebola, como se queixa o Peniche. Prevê-se avarias para breve. Oxalá não sejam grandes para que não hajam encenquices...

Daniel

FESTAS